



FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. *¿Qué español enseñar?* Madrid: Arco/Libros, 2000. 95 p.

Adja Balbino de Amorim **BARBIERI DURÃO**
Universidade Estadual de Londrina

O livro resenhado “*¿Qué español enseñar?*”, de Francisco Moreno Fernández, pretende constituir informação teórica dirigida a professores que atuam no campo do ensino de espanhol como língua estrangeira.

O autor divide seu estudo em três partes: a **Parte A**, intitulada “El español y su estudio”, inclui dois sub-capítulos: “El español: unidad y diversidad (p. 15-21) e “Fuentes para el conocimiento de las variedades del español” (p. 22-31); a **Parte B**, “El español y sus variedades”, também configura-se em sub-capítulos duais, os quais se intitulam “Áreas geolectales del español” (p. 35-50) e “Variedades sociales y estilísticas del español” (p. 51-59); a **Parte C**, que reflete sobre “El modelo de lengua”, assim como as anteriores, aborda a temática de forma dual: “A la búsqueda de un modelo” (p. 63- 75) e “¿Español de Almodóvar? - ¿Español de mi tierra? - ¿Español de Disneylandia?” (p. 77-86), é seguida pela “Conclusión” (p. 87-89), por “Propuestas de reflexión y ejercicios” (p. 90), pelas “Soluciones a los ejercicios” (p. 91-93) e pela bibliografía que serviu de base para a elaboração da obra (p. 94-95).

Na introdução, o autor chama a atenção o fato de que o que possibilita uma tomada de decisão coerente sobre qual modalidade de espanhol deve ser ensinada é uma formação adequada e o acesso a informações o mais abrangentes possíveis sobre o tema (p. 11).

No primeiro sub-capítulo da **Parte A**, “El español: unidad y diversidad”, o autor ressalta que apesar do espanhol ser uma língua empregada por falantes situados nos mais variados pontos do globo terrestre, revela-se relativamente homogêneo, apresentando um acentuado grau de nivelação e um risco mínimo ou moderado de fragmentação, ambos os fenômenos baseados na existência de um sistema vocálico simples (constituído por cinco elementos somente), um sistema consonântico com 17 unidades comuns a todos os falantes de espanhol, além de um elevado índice de vocábulos globais léxico geral e de uma sintaxe de variação relativa, especialmente em seus usos cultos (p. 15).

Destaca o valor do idioma, tanto no que se refere a sua importância como veículo cultural, quanto no que se relaciona a seu uso oficial por organismos como a ONU, a OEA e o Mercosul, assim como ao lugar que ocupa entre as demais línguas de importância internacional: o espanhol, atualmente, é uma das três principais línguas de comunicação internacional, junto ao inglês e ao francês (p.16).

No segundo sub-capítulo da parte A, “Fuentes para el conocimiento de las variedades del español”, o autor explicita aquelas que considera as principais fontes de informação sobre as variedades geográficas do espanhol com o fim de construir ou fomentar esse conhecimento imprescindível por parte do professor, que são manuais gerais de dialectologia, informes de pesquisas geolinguísticas e estudos monográficos sobre falas específicas.

O livro continua com o primeiro sub-capítulo da **Parte B**: “Áreas geolectales del español”, no qual o autor chama a atenção para o fato de que a Espanha e a América compartilham não somente as características que determinam um “espanhol geral”, mas também fatos lingüísticos que manifestam-se como variáveis. Apresenta, também, um interessantíssimo conjunto de quadros nos quais reúne usos urbanos de falantes cultos característicos de cada área lingüística (Espanhol: 1. espanhol castelhano (p. 39); 2. espanhol da Andaluzia (p. 40); 3. espanhol das Canárias (p. 40);

América: 1. espanhol do Caribe (p. 41); 2. espanhol do México e da América Central (p. 42); 3. espanhol de Los Andes (p. 43-44), 4. espanhol de La Plata e El chaco (p. 44-45); 5. espanhol do Chile (p. 45). Apresenta, ainda, um quadro com exemplos de variação léxica por áreas geográficas (p. 47).

No segundo sub-capítulo da **Parte B**, “Variedades sociales y estilísticas del español”, o autor expõe os diferentes usos sociais do idioma. Explica que, de modo convencional, costuma-se associar os socioletos ao estrato social. Os *socioletos altos* são aqueles os que dão forma à *língua culta* de uma comunidade, enquanto que os socioletos médios e baixos configuram o que se denomina de *língua popular*.” A língua culta caracteriza a fala das pessoas mais intelectualizadas e resulta de processos de instrução formal, enquanto que a língua popular manifesta-se principalmente nos falantes de estratos sociais médios e baixos. Entre um tipo de fala e outro, há o entrelaçamento de muitos elementos, daí a dificuldade de estabelecer limites precisos. Além disso, em ambos os casos, manifestam-se dois tipos de registros: o *formal*, que caracteriza-se por ser planejado e solene, e o *informal*, que deriva da relação de familiaridade (apesar da existência de registros intermediários). Menciona que desde que o enfoque comunicativo propôs a incorporação de elementos lingüísticos contextualizados, o problema da escolha de modelos adequados para o ensino tornou-se uma preocupação constante de teóricos e docentes, de tal modo que uma escolha inadequada de modelos de ensino pode levar a que os materiais choquem “con los contextos en los que la enseñanza-aprendizaje se produce” ou que estes sejam “insuficientes para las necesidades comunicativas de los estudiantes” (p. 57).

Expõe também a questão das linguagens setoriais. Explica que, hoje em dia, os usos lingüísticos procedentes de esferas profissionais específicas recebem o nome de *linguagens setoriais* ou *linguagens de especialidade*, apesar de que, tradicionalmente, vinham sendo denominadas, genericamente, como “gírias”, termo entendido como conjunto de caracteres lingüísticos específicos de um grupo de falantes dedicados a uma determinada atividade,

caracterizando a demarcação de uma identidade sociolingüística ou a vinculação a um grupo. Em estreita conexão com estas variedades setoriais, enquadram-se as “linguagens técnico-científicas, formadas principalmente por nomenclaturas especializadas, além das linguagens que permitem identificar grupos sociais de acordo com a atividade que realizam: estudantes, esportistas, funcionários públicos, pescadores, etc. (p. 59). Além disso, o termo “gíria” também é entendido como um conjunto de itens lingüísticos empregados por grupos sociais cuja atividade delimita-se à margem das ações consideradas lícitas (língua dos baixos fundos, da delinqüência, etc.) (p. 58). Ressalta que, no campo do ensino de línguas, as formas que foram melhor entendidas até o momento, são aquelas características do âmbito jurídico e administrativo, a linguagem comercial ou dos negócios, a linguagem sanitária, a acadêmica, a técnico-científica, além de algumas formas mais restritas, como a linguagem turística (p. 58-59).

No primeiro sub-capítulo da **Parte C**, “A la búsqueda de un modelo”, o autor explicita que para conseguir bons resultados no processo de ensino-aprendizagem é preciso que os professores levem em conta certos conceitos teóricos, tais como o de variação lingüística, função comunicativa e contexto sócio-situacional, o que implica em apresentar a língua em seu contexto social. Normalmente, o modelo (representação simplificada de uma série de fatos lingüísticos como referência) que os professores e aprendizes de espanhol procuram não se referem ao funcionamento dos mecanismos ocultos da língua, com seus princípios, parâmetros e regras, mas à aprendizagem dessa língua em si, extraída de contextos naturais de fala (p. 63-64).

Escolher uma variedade que sirva como marco de referência passa por uma série de etapas. A primeira delas, a consciência, por parte do professor de que há variedades prestigiosas e variedades menos prestigiosas, mas para poder identificá-las, o professor precisa ter acesso a informações geolingüísticas, sociallingüísticas e estilísticas (p. 63).

A necessidade de escolher um modelo leva Corder a propor a tentativa de delimitação de uma alternativa globalizante que concentre a maior parte dos usos de uma língua, complementando-os com as partes adequadas às diferentes situações (p. 67).

Por um lado, cada vez é maior a autoridade reconhecida da Real Academia Espanhola de Língua, sustentada pela Associação de Academias da Língua Espanhola, por outro, o ensino de línguas inclina-se para uma linha comunicativista e baseada no uso real (p. 72).

No segundo sub-capítulo da **Parte C**, “¿Español de Almodóvar? - ¿Español de mi tierra? - ¿Español de Disneylandia?”, o autor expõe suas constatações sobre as três opções mais freqüentes de professores de espanhol. A primeira opção costuma ser pelo modelo castelhano, posto que goza de ascendência dentro e fora da Espanha (p. 79). Este modelo oferece a vantagem de concordar com a norma acadêmica tradicional e com os usos de boa parte das autoridades hispânicas. Essa opção costuma ser favorecida pelo emprego do vocabulário de textos contemporâneos, como por exemplo, *Manolito gafotas*, de Elvira Lindo, e de filmes de Almodóvar. “A combinação ‘Castela + Academia + modernidade cultural’ é uma fórmula irresistível para muitos professores” (p. 80).

A segunda opção costuma ser pela modalidade com a qual se tem maior contato, por exemplo, muitos norte-americanos optam pelo espanhol do México ou de qualquer país da América Central, assim como muitos brasileiros optam pela modalidade rio-platense. Também há professores que trabalham com um modelo específico de espanhol americano pelo valor social que representam grandes países como México, Cuba, Chile, Argentina, Colômbia (p. 81)

A terceira opção costuma ser por um modelo de “espanhol geral”, cujo referente pode ser os filmes de Walt Disney o da CNN, devido ao alto grau de homogeneidade que costumam ter (p. 82)

Pelos conteúdos expostos e pela maneira didática como o autor os abordou, o livro de Francisco Moreno Fernández *¿Qué español enseñar?*

constitui um instrumento de inestimável valor para professores de E/LE. Por outro lado, o livro é imprescindível, também, para aquelas pessoas que querem ter um fundamento sólido para a realização de estudos mais refinados na área da sociolinguística em geral.